

O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO NA ERA DA PÓS-MODERNIDADE: SEUS PROPÓSITOS E INFLUÊNCIAS.

NETO, Odilon de Oliveira Franco

Bacharelado em Teologia Católica no Centro Universitário Internacional

Uninter.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre alguns aspectos do casamento enquanto no período em que vivemos. De forma especial a sua importância para a sociedade enquanto uma instituição social e suas derivações nos papéis sociais de pai e de mãe. Além da importância das instituições para a formação integral e mais saudável do ser humano, especialmente no que se refere a violência social, uma vez que esta temática parece uma ferida sem cura ao longo da história da nossa humanidade até os dias atuais, mesmo com mudanças de culturas, pensamentos, avanço de tecnologias, etc. Por fim, apresenta algumas características teológicas do sacramento do matrimônio com o objetivo de esclarecer alguns pontos, bem como despertar a curiosidade para um aprofundamento ainda maior.

Palavras chave: Matrimônio. Instituições sociais. Violência. Sacramento. Casamento.

1. INTRODUÇÃO

A paz está instaurada. Todos os homens e mulheres vivem em harmonia. Nada falta a ninguém. Não há violência e nem perturbação. O senso de comunidade, respeito e cumplicidade são generalizados e proporciona de forma plena o item mais fundamental ao ser humano que são as conexões afetivas.

...a maior certeza que eu trouxe da minha formação em serviço social é esta: estamos aqui para criar vínculos com as pessoas. Fomos concebidos para nos conectar uns com os outros. Esse contato é o que dá propósito e sentido à nossa vida e, sem ele, sofremos”. (BROWN, 2016, p. 12).

Como seria bom iniciar um artigo científico desta forma. Seria excelente se o que foi citado acima de fato fosse verdade, porém, infelizmente sabemos que não é.

O número crescente de divórcios. Famílias desestruturadas. Uma cultura extremamente racionalista, pluralista, volátil e de descarte. Uma sociedade que vê Deus (fonte de bondade) em tudo, porém, de forma antagônica, as ações daquela não refletem, em boa parte, a essência Deste. Vários indicadores atuais revelam as desordens de convívio.

Altos índices de violência, insegurança, drogadição, roubos, assassinatos, entre outros, revelam o que podemos denominar de forma resumida e encapsulada de “eventos sociais destoantes”. É difícil determinar uma única origem para estes eventos, considerando a complexidade humana e suas relações que são o combustível principal para os movimentos da sociedade.

Podemos elencar, de alguma forma, características de uma sociedade que, quando não observadas, resultam em gatilhos para tais situações. E é por este viés que ao olharmos para trás, temos a possibilidade de interpretarmos condições sociais e culturais boas ou ruins. Isto basicamente pelos seus resultados ou pelos seus frutos. Esses legados são construídos e passados de geração em geração pelas chamadas instituições. Segundo Peter Berger (2003), sociólogo e teólogo luterano austro-americano, conhecido por sua obra "A Construção Social da Realidade" publicada em co-autoria com Thomas Luckmann, as instituições sociais são depósitos de acervos intelectuais, espirituais e culturais de uma sociedade. Segundo Bacarji (2019), ao abordar este assunto, inclusive ao citar o autor mencionado logo acima, afirma que a primeira grande instituição social são os papéis sociais como os de pai, mãe, padre, professor, aluno, etc, existindo também as instituições maiores, como a educação, as leis, a religião, a família, entre outros. Ainda de acordo com a mesma autora, dentre as várias instituições, uma se torna de grande relevância, que é a família, por participar ativamente no processo de socialização primária.

Na visão do então Papa João Paulo II segundo a exortação apostólica *Familiaris Consortio* (1981), “o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade”. Humanidade esta que influenciada pela cultura do corpo (visão hedonista), pelo materialismo e basicamente movida pela racionalidade, tem dificuldade em perceber a ação de Deus, quanto mais a sua importância. A prevalência da razão em detrimento a

fé, resultado de um processo histórico e sócio-econômico, também influencia fortemente para que haja uma crise sacramental ou um “abandono” em relação às coisas da igreja. No que diz respeito à vivência dos sacramentos, quando ocorrem, em muitas das vezes acontecem sem o devido preparo e conhecimento. A falta destes, por sua vez, tende a não edificar a fé, fazendo com que muitos sacramentos, que são sinais visíveis da ação do Deus invisível, sejam recebidos sem o devido grau de compromisso que merecem. Observemos por exemplo a grande quantidade de matrimônios desfeitos.

Como exemplo, ao considerarmos o casamento religioso, de acordo com a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, devemos compreender o aspecto da indissolubilidade do casamento. Não por puro tradicionalismo ou ideal religioso, mas sim como um reflexo da aliança imortal e imutável de Deus para com o homem e os benefícios provenientes desta. Sendo Deus pura bondade, parte-se do princípio de que esta aliança é benéfica, logo, por consequência, o matrimônio também será.

2. METODOLOGIA

A Metodologia utilizada foi a Pesquisa Bibliográfica (Revisão de Literatura), onde foram pesquisadas importantes obras e autores que tratam do tema escolhido em artigos, livros, periódicos de sítios de faculdades e dos repositórios acadêmicos. Por tratar-se de curso de Teologia, foram utilizados também textos da Bíblia Sagrada e dos Documentos da Igreja.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 A VIOLÊNCIA SOCIAL.

Não é surpresa pra ninguém a realidade social turbulenta em que vivemos atualmente. Restringimos esse cenário ao Brasil, porém, diversos países se defrontam com essa mesma situação.

Passamos pelo 11 de setembro, por várias guerras, recessão, desastres naturais de enormes proporções e pelo aumento da violência gratuita e dos assassinatos em escolas. Testemunhamos acontecimentos que vêm dilacerando nossa sensação de segurança com tamanha força que nós os vivenciamos como traumas pessoais, mesmo sem estarmos envolvidos neles de forma direta. (BROWN, 2016, p.24).

Muitas são as opiniões, teorias e tentativas para se obter resultados positivos para o convívio humano, porém, a história e a leitura da realidade nos mostram que isso não é tão simples como parece. Invasões, guerras, genocídios, truculência parecem se destacar de forma proeminente ao longo da história. Desde o antigo testamento da Bíblia cristã, a história dos povos primitivos, a formação e queda de impérios, construção de reinos, revoluções com propósito de paz, é possível perceber um nível de animosidade bem considerável.

Partindo do princípio de um processo evolutivo da humanidade com as suas mais diversas manifestações, detenho-me aqui a um em específico, em caráter de exemplo. Refiro-me aos pensadores revolucionários surgidos no século XVII na França, chamados de Iluministas, ou o movimento chamado de Iluminismo, onde de forma resumida e central, a razão sobrepõe à fé. Poderíamos supor que este conceito, aliado ao avanço tecnológico, resultariam em evolução constante no sentido da comunhão universal em detrimento aos conflitos humanos em contextos sociais, uma vez que o ato de racionalizar e compreender cientificamente todas as coisas deveria “acalmar os ânimos”. Porém, ao contrário, parece ainda preponderar alguns instintos mais baixos nos seres humanos. Parece que nem todas as respostas têm sido encontradas, ou pelo menos as mais importantes e satisfatórias, causando ainda certo incômodo no homem. É óbvio que muitas coisas melhoraram de forma significativa, ainda que não tenham sido extintas como a escravidão, por exemplo. Mas ao considerarmos mudanças tão significativas como padrões culturais, religiosos e econômicos, ainda assim, apesar de mudanças boas,

parece permanecer a violência como chave de condução em muitos contextos. Revoluções sangrentas, ditaduras, guerras mundiais ou entre nações, bombas nucleares, guerras civis, ataques suicidas, ou seja, a violência ainda tem ajudado a compor negativamente os nossos livros de história até hoje e porque não dizer também o nosso cotidiano.

3.2 MATRIMÔNIO, ALICERCE SOCIAL.

Uma vez que o tema central deste artigo é o casamento, podemos não compreender muito bem o motivo pelo qual iniciá-lo pelo tema da violência. Como dito anteriormente, seria muita pretensão pensar em uma única causa para ela (a violência) devido à complexidade humana e suas relações. O que se pretende aqui é aludir a uma das possíveis bases sociais que, quando não construídas ou elaboradas de forma adequada, tendem a potencializar a violência no seio da sociedade.

O processo de socialização primária é responsável pelo índice de violência e delinquência social, ou seja, as famílias desestruturadas e sem condições básicas geram pessoas com transtornos mentais e de personagens prejudiciais à sociedade. (BACARJI, 2019, p. 22).

O fato do homem ser o único animal racional, não elimina a necessidade de que ele se depare com um aporte de informações consistentes já pré-estabelecidas que lhe ajudem a se edificar como ser humano, fazendo da sua capacidade de ser pensante, um ser crítico. Ser crítico no sentido não só de elaborar pensamentos ou conceitos, mas de também discernir os já existentes. Isto significa não ter preconceito em relação às normas já constituídas partindo do princípio de apagá-las do mapa, em nome de uma suposta autonomia evolutiva e de uma liberdade, como parece estar acontecendo atualmente com todas as instituições sociais e hierárquicas que possuam algum acervo de normas e regras que visem determinar comportamento, segundo Bacarji (2019). Socialmente, tanto a rigidez excessiva quanto a inexistência ou fragilidade das instituições, cada qual com seu papel, impacta de forma significativa o desenvolvimento do ser humano, inclusive em relação a psicopatologias como ansiedade, depressão, distúrbios emocionais, conforme Minerbo (2013), e tão evidenciadas atualmente.

Nós nos fazemos humanos na sociedade. Com o processo de socialização primária, aprendemos a amar, a falar, a pensar, a nos relacionar, aprendemos toda a cultura, os costumes, as regras, as normas sociais e todo o resto. Ninguém nasce sabendo essas coisas ou as aprende sozinho. Aprendemos isso na sociedade, nas relações sociais, na família, na escola, na Igreja, na comunidade e, dessa forma, vamos nos construindo. (BACARJI, 2019, p. 22).

É notório e comprovado cientificamente, que desde a mais tenra idade, o ser humano é influenciado por diversos aspectos em sua criação, especialmente pelos seus pais. As características peculiares e naturalmente diferentes da figura paterna e da materna se conjugam para uma construção mais integral do indivíduo, sendo preponderantes.

...a constituição Gaudium et Spes dedica uma reflexão acerca das diferentes pessoas que têm responsabilidades em relação à promoção do matrimônio. Ela apresenta a figura dos pais como central nesse contexto, sendo que o pai deve exercer uma presença ativa, e a mãe precisa dedicar um tempo maior no processo de educação dos filhos, principalmente tendo em vista a necessidade de o processo educacional ser entendido em sentido totalizante e integrador. (STIGAR, 2018, p. 95).

A união destas figuras (pai e mãe), para o propósito do desenvolvimento da prole se institucionaliza no matrimônio, ou seja, no casamento, gerando uma nova família.

As instituições nascem a partir da consciência coletiva de uma sociedade para resolver problemas cotidianos e existenciais de todo tipo, para que as pessoas não precisem mais ficar a cada momento pensando o que irão fazer aqui ou ali, como vão se comportar ou se vestir, ou como vão agir em qualquer circunstância da vida. Os papéis sociais são um tipo de instituição social que ajuda os indivíduos, por exemplo, a saberem como se portar em determinadas ocasiões que exigem maior esforço. Assim, gasta-se menos energia com coisas já institucionalizadas pelos antepassados e já bem sucedidas ou resolvidas. (BACARJI, 2019, p. 20).

Pensar no matrimônio como algo do passado, passa a ser pensar somente no seu futuro, o que é muito comum hoje em dia com o individualismo acentuado. Além disso, a visão do casamento como infrutífero para a sociedade é totalmente incoerente com a própria necessidade humana:

Em síntese, percebemos que os autores, de forma a constatar na realidade sociológica uma lógica, nos mostram que as Instituições Sociais são processos

que nascem de uma natureza social, na qual estamos todos incluídos por uma necessidade humana básica de “conhecimento” que nos dê plausibilidade ao mundo, que nos dê condições de relação com esse mundo e com as pessoas, por meio de regras, normas, valores, conceitos. Portanto, nascem na realidade da vida cotidiana por uma necessidade natural. (BACARJI, 2019, p. 25).

Neste sentido, compreender o matrimônio e a família como uma instituição tão importante para o desenvolvimento de novos cidadãos potencializa o seu caráter religioso, pois, estão intrinsecamente ligados como veremos mais adiante. A instabilidade e a inconsistência do ser humano clamam por estruturas sólidas que são as instituições. Conhecer as razões e as intenções dessas estruturas é libertador, pois, atualmente, em nome de uma suposta liberdade, como dito anteriormente, desmerece-se todo e qualquer tipo de organismo seja ele religioso ou até mesmo civil que apresente normas e valores já constituídos, atribuindo-os um caráter negativo e totalmente desnecessário.

De acordo com Berger e Luckmann, o homem como “ser social”, traz o problema da “estabilidade da conduta humana”. Biologicamente a existência humana levaria a si mesma ao caos. Por isso, faz-se necessário uma “ordem social”, que só existe na medida em que a atividade humana a produz; é a exteriorização do ser humano na atividade. (BACARJI, 2019, p. 22).

Acerca de outras considerações sobre a importância do matrimônio e a família para uma sociedade saudável, trago aqui as do Papa Paulo VI, pouco antes do encerramento oficial do concílio Vaticano II em 1965, ao escrever um decreto chamado *Apostolicam Actuositatem*, discorrendo sobre o apostolado dos leigos. Mais especificamente no item 11 do documento, ele expressa a importância do casamento para com a sociedade:

O criador de todas as coisas constituiu o vínculo conjugal princípio e fundamento da sociedade humana e fê-lo, por sua graça, sacramento grande em Cristo e na igreja (cfr. Ef. 5, 32). Por isso, o apostolado conjugal e familiar tem singular importância tanto para a igreja como para a sociedade civil. (PAULO VI, 1965, n. 11).

O então Papa João Paulo II, no ano de 1981, ao escrever a exortação apostólica *Familiales Consortio*, logo no início do documento também expressa a importância do matrimônio e da família ao dizer: “Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade...”.

Sendo assim, podemos perceber de maneira sucinta, a importância e a contribuição das instituições para a formação das sociedades e seu desenvolvimento saudável. Não devemos excluir o potencial pragmático delas, que tendem, por sua própria natureza, a consolidar idéias, opiniões e etc. Porém, descartá-las ou configurá-las totalmente, como se nada pudessem contribuir, também trata-se de um grande equívoco. Trata-se aqui de criticar verdadeiramente, analisando e ponderando o que há de bom e deve ser mantido e o que deve ser adaptado ou removido do cenário.

Basta dizer que do ponto de vista psicopatológico, a subjetividade que se constitui em meio à depleção, ou, em muitos casos, em meio a miséria simbólica, está sujeita a experiências emocionais que excedem sua capacidade de elaboração. Como sabemos, isso afeta a constituição do eu e o obriga a lançar mão de defesas, que poderão ser extremamente custosas para o indivíduo e para a sociedade. Assim como a reposição de ferro melhora a anemia, o fortalecimento não enrijecido das instituições (“macro” e “micro”) promove uma espécie de reposição simbólica. A credibilidade e a confiança nas significações instituídas aliviam consideravelmente o sofrimento existencial e psicopatológico que caracteriza a subjetividade pós-moderna. (MINERBO, 2013).

3.4 MATRIMÔNIO, ALICERCE HUMANO.

Não podemos esquecer que ao falar das instituições, indiretamente estamos falando de nós mesmos, pois, estas só existem porque foram criadas por nós (nossos antepassados) e para nós. O pai e a mãe são papéis sociais também chamados de pequenas instituições. Toda e qualquer orientação transmitida aos filhos torna-se um símbolo, ou seja, dá significado ou sentido a algo, tendo um grande impacto para o desenvolvimento da psique.

Como sabemos, uma parte essencial da função materna é ler e traduzir o bebê para ele mesmo: “Isto é fome; Isto é raiva”. Mas ela também lê e traduz o mundo para ele: “isto é bom / mau; isto é perigoso / seguro; isto tem valor / é desprezível; isto é proibido / obrigatório”. Ou seja, a função materna *institui sentidos* para o bebê, e por isso tomo a liberdade de entendê-la como uma micro instituição. Pelo simples fato de oferecer algum sentido – qualquer sentido -, esta micro instituição promove o “apaziguamento simbolizante” (o termo é de Roussillon). Inversamente, a ausência de sentido impede a ligação das pulsões, ou promove seu desligamento, o que é profundamente desorganizador para o psiquismo. (MINERBO, 2013).

Ou seja, pelo ponto de vista científico (psicanalítico) ao se desvincular totalmente das instituições, sem nível nenhum de aprofundamento verdadeiro, estudo histórico e crítico, obtêm-se uma abertura de horizonte para a criação de novas possibilidades e formas de viver, porém, “livrar-se destas amarras” é como ter que reinventar a roda. Este reinventar a partir de si mesmo, sem nenhum parâmetro, pode levar a prejuízos psicológicos relacionados à própria existência, conforme abaixo.

...a parte mais primitiva de nosso psiquismo se deposita na instituição, que se encarrega de “contê-la”. E vice-versa, a instituição forma o pano de fundo de nossa vida psíquica. Entende-se o efeito traumático, profundamente desorganizador, das crises institucionais no mundo contemporâneo: na impossibilidade de simbolizar e de integrar as experiências, a pulsionalidade permanece em estado de desligamento. Inundado pelo excesso de energia livre, o psiquismo pode ser levado a estratégias defensivas radicais, configurando, como veremos adiante, o campo da psicopatologia psicanalítica. (MINERBO, 2013).

E mais...

O mal-estar na pós-modernidade ligado à fragilidade do símbolo é um sofrimento existencial, consubstancial com a forma de subjetividade da época. *É uma forma de ser.* Porém, saindo do plano existencial e passando para o da psicopatologia, em um dos extremos encontramos o sofrimento ligado à experiência de vazio, de falta de sentido e de tédio existencial; no outro, atuações dos mais variados tipos, nas quais a violência pulsionada permeia as relações intersubjetivas. *São as formas de sofrer, necessariamente consubstanciais com a forma de ser.* (MINERBO, 2013).

Sendo assim, da mesma forma que o casamento (sacramento instituído pela igreja – macro instituição) enquanto conjunto de regras, normas e valores, faz o seu papel institucional em relação aos pais. Estes deveriam fazê-lo em relação aos seus filhos, cumprindo os seus papéis de micro instituições da maneira mais salutar possível, formando uma cadeia que culmina com seres humanos mais plenos e equilibrados. Por isso a importância de se conhecer profundamente os objetivos do sacramento do matrimônio e suas realidades, fugindo assim da idéia do casamento como uma obrigação ou um simples evento social, o que muda completamente o seu contexto. Conhecer a verdadeira essência de uma realidade é assumir um compromisso e tentar realizá-lo da melhor forma possível. Do contrário se tornará um fardo e não é esse o objetivo do matrimônio e deveria ser também de qualquer outra instituição social.

Atualmente o matrimônio e a constituição familiar encontram-se diante de uma dificuldade, pois, há uma fortíssima tendência sócio-econômica e cultural ao individualismo, que deturpa a visão do ser humano enquanto ser dotado de outras necessidades tão, ou mais importantes, do que muito dinheiro, diplomas, cargos, entre outros, resumindo-o a um agente na engrenagem de um sistema pré-determinado. Isto tem dificultado as relações humanas mais essenciais e, conseqüentemente, não permitindo a possibilidade de vivência de outros aspectos fundamentais para a formação integral do ser humano, como as conexões afetivas por exemplo.

Faz-se importante aqui salientar que as conexões virtuais, como páginas de internet, rede de relacionamentos on-line ou redes sociais não cumprem esse propósito. Ao contrário, criam uma falsa sensação de interação, gerando ainda mais vazios existenciais, pois, flutuam acima da superfície da realidade.

É por esse viés que o casamento enquanto embrião de partilha e senso de comunidade entre homem e mulher, pode gerar novas vidas e influenciá-las ensinando-as a conviver de forma sadia em comunidade. Trata-se de um processo de longo prazo, árduo e trabalhoso, contrário a um consenso de imediatismo e fugacidade que nos trouxe demasiada comodidade. Uma vez que as fadas com suas varinhas mágicas só existem nos livros infantis, é necessário dedicar parte da vida, tempo, empenho, carinho e afeto para a construção de algo sólido. Ainda que nos digam ao contrário, ou direcionem nosso foco para outros objetivos, a instituição “casamento” (e aqui podemos entendê-la como pressuposto de instituição “família”) será sempre um sinal de equilíbrio para as sociedades, pois, deveriam servir de “material de consulta” para a hora da prova, facilitando o êxito. Em relação às dificuldades apresentadas para a constituição do matrimônio, logo, da família, estas não devem ser vistos como empecilhos, mas como matéria prima para o próprio existencialismo humano de pais e filhos.

Resgato aqui, para ilustrar este contexto a história dos três porquinhos. Aquele porquinho que mais se dedicou na construção de sua casa, abrindo mão de diversas coisas, foi o único que permaneceu com a casa em pé diante do lobo que os perseguia, salvando ainda os outros irmãos que construíram rapidamente as suas casas, mas que as perderam da mesma forma, pois, estavam vulneráveis, uma vez que não se dedicaram como o outro irmão.

Da mesma forma exemplificada acima com a estória dos três porquinhos, a nossa sociedade precisa também de bases sólidas. Como diz um velho ditado “colhemos aquilo que plantamos”; logo, partindo do princípio da violência, ou não estamos plantando amor ou estamos deixando que cultivem nossas plantas com outros adubos.

“... enquanto comunidade educativa, a família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, formando-o desde o início, para relações interpessoais, ricas de justiça e de amor. (PAULO II, 1981, nº 2).

Eis a necessidade urgente de assumirmos nosso papel na sociedade de educadores e pais responsáveis por criar e educar os homens e mulheres do futuro, cientes das dificuldades, contudo, também das graças provenientes do auxílio divino para estes papéis, conhecendo mais sobre o sacramento do matrimônio que é mais que uma instituição social. É uma instituição sagrada, portanto, sacro-social.

3.3 MATRIMÔNIO. INSTITUIÇÃO SACRO-SOCIAL.

Início o trecho final deste artigo com uma citação da carta apostólica *Dies Domini* escrita pelo então Sumo Pontífice João Paulo II:

O Deus que descansa ao sétimo dia comprazendo-Se pela sua criação, é o mesmo que mostra a sua glória ao libertar os seus filhos da opressão do faraó. Tanto num caso como noutro poder-se ia dizer, segundo uma imagem cara aos profetas, que *Ele se manifesta como esposo diante da esposa* (PAULO II, 1998, nº 12).

A hexegese, que é o estudo aprofundado e sistematizado acerca da bíblia, nos revela que o teor dos livros do antigo testamento antecede aos períodos em que foram propriamente escritos. Estes acontecimentos eram passados de geração em geração de forma verbal até que em determinados momentos diferentes da história começaram a serem escritos. O que chama a atenção é a concepção que os diversos escritores, mesmo

que em períodos diferentes, trouxeram do caráter esponsal na relação de Deus e o seu povo (neste caso o povo hebreu).

Por isso a atrairei, a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração. Então, lhe darei as suas vinhas e o vale de Acor, como porta de esperança. Aí ela se tornará como no tempo de sua juventude, como nos dias em que subiu da terra do Egito. Naquele dia – diz o Senhor – tu me chamarás: “Meu marido”, e não mais: “Meu Baal”. Não lhe deixarei mais na boca os nomes de Baal e ninguém pronunciará tais nomes. Farei para eles, naquele dia, uma aliança com os animais selvagens, as aves do céu e os répteis da terra; farei desaparecer da terra o arco, a espada e a guerra, e os farei repousar com segurança. Eu a desposarei para sempre, conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Eu a desposarei com fidelidade e conhecerás o Senhor. Naquele dia, diz o Senhor, eu atenderei aos céus, e eles atenderão à terra. A terra atenderá ao trigo, ao mosto e ao óleo, e estes atenderão a Jezrael. Farei dele para mim uma terra bem semeada, usarei de misericórdia com Lo-Ruhama, e direi a Lo-Ami: “Tu és meu povo!”, e ele me dirá: “Vós sois meu Deus!”. (Oséias 2, 16 - 25).

Vai e clama aos ouvidos de Jerusalém estas palavras – oráculo do Senhor: Lembro-me de tua afeição quando eras jovem, de teu amor de noivado, no tempo em que me seguias ao deserto, à terra sem sementeiras. (Jeremias 2, 2).

Nada temas, não serás desapontada. Não te sintas perturbada, não terás do que te envergonhar, porque vais esquecer-te da vileza de tua mocidade. Já não te lembrarás do opróbrio de tua viuvez, pois teu esposo é o teu Criador: chama-se o Senhor dos exércitos; teu Redentor é o Santo de Israel: chama-se o Deus de toda a terra. Como uma mulher abandonada e aflita, eu te chamo. Pode-se repudiar uma mulher desposada na juventude? – diz o Senhor, teu Deus. Por um momento eu te havia abandonado, mas com profunda afeição eu te recebo de novo. Em um acesso de cólera volvi de ti minha face. Mas no meu eterno amor, tenho compaixão de ti. (Isaías 54, 4 - 8).

O novo testamento na Pessoa de Jesus atualiza o conceito de povo eleito, ampliando-o a toda a humanidade (a igreja, que é o seu próprio Corpo). O apóstolo Paulo também reafirma o caráter esponsal na relação de Deus, na Pessoa do Filho, em relação ao seu povo, ressaltando algo de especial nestas figuras do esposo e da esposa.

Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal a sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos

membros do seu Corpo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua igreja. Em resumo: cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido. (Efésios 5, 21 - 33).

Portanto, ao perceber que Deus de alguma forma inspirou os escritores bíblicos ao longo do arco do itinerário bíblico a comparar a relação Dele com seu povo a um casamento, podemos deduzir a tamanha relevância deste tema. Ou seja, poderíamos, por simples dedução, considerar que o matrimônio é intrinsecamente e essencialmente divino, sem a necessidade de demais aprofundamentos.

Contudo, um dos objetivos deste artigo é o de aumentar a compreensão teológica do sacramento do matrimônio, portanto, além da perspectiva apresentada acima, iremos conhecer mais especificamente três princípios, segundo a sagrada escritura, dentre outros, que constituem a essência do matrimônio segundo Stigar (2018), que são: o da complementaridade, o da sacralidade e o da indissolubilidade matrimonial.

3.3.1 COMPLEMENTARIDADE

De acordo com Stigar (2018), o amor mútuo e a profunda comunhão física e espiritual são características advindas do relato da segunda narrativa da criação, conforme o livro do Gênesis. Expressões como: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gn 2,18); “o osso de meus ossos e carne de minha carne” (Gn 2,22); “eles se tornam uma só carne (Gn 2,24)”, salientam a mutualidade desejada por Deus, o aspecto natural do homem e da mulher enquanto igualdade de natureza e natureza unitiva.

3.3.2 SACRALIDADE

Na primeira narração da criação há a origem da imagem do homem e da mulher, ambos criados a imagem do próprio Criador. Como se não bastasse isso, ambos recebem a benção de Deus e a missão da fecundar e de cuidar dos bens terrenos.

Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra. (Gênesis 1, 27-28).

Neste caso, a benção de Deus tem um valor além do gesto. Significa a força, o impulso necessário para a construção daquilo que Ele mesmo propõe. Acreditar nisso faz toda a diferença, pois, não se trata de um compromisso assumido somente com o cônjuge e a comunidade, mas trata-se de um compromisso assumido também com Deus, ciente de que Ele mesmo irá atuar em prol deste projeto.

3.3.3 INDISSOLUBILIDADE

O caráter indissolúvel do matrimônio lhe é atribuído no mesmo livro de gênesis onde, de forma simbólica, Deus, logo após criar o homem e não achar bom que ele estivesse só, o coloca em sono profundo e lhe tira uma costela para desta fazer a mulher.

E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e **levou-a para junto do homem**. “Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem”. Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. (Gênesis 2, 22-24).

É verdade que no livro de Deuteronômio o divórcio é permitido de acordo com o conjunto de leis mosaicas, porém, no Evangelho de São Mateus, Jesus, quando interrogado acerca dessa questão, elucida-a dizendo, conforme Stigar (2019):

Não lestes que o criador, no começo, fez o homem e a mulher e disse: Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher; e os dois formarão uma só carne? Assim já não são dois, mas uma só carne. Portanto não separe o homem o que Deus uniu. (São Mateus, 19, 4-6).

Todo sacramento busca trazer a luz a ação do Deus invisível. Podemos nos apropriar da imagem revelada entre esposo e esposa, de Deus para com seu povo e projetá-la no sacramento do matrimônio. O casamento é indissolúvel por que o amor de Deus é indissolúvel. A aliança proposta lá atrás por Deus, foi efetivada na Pessoa do

Cristo, que nos revelou a aliança verdadeira e definitiva (a vida eterna, ou seja, aliança indissolúvel). Ele, Jesus, o esposo, amou a igreja (novo povo universal), sua esposa, de tal modo que entregou sua vida, servindo de exemplo. “Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a igreja e se entregou por ela”. (Efésios 5, 24-25).

Cristo Senhor abençoou copiosamente este amor de múltiplos aspectos, nascido da fonte divina da caridade e constituído à imagem da sua própria união com a igreja. E assim como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o salvador dos homens e esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimônio. E permanece com eles, de igual modo os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade. O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, e dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja, para que, assim, os esposos caminhem eficazmente para Deus e sejam fortalecidos na sua missão sublime de pai e mãe. Por este motivo, os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial; cumprindo, graças à força deste, a própria missão conjugal e familiar, penetrados do espírito de Cristo que impregna toda a sua vida de fé, esperança e caridade, avançam sempre mais na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim juntos para a glorificação de Deus. (Gaudium et Spes - n. 48).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta que o ser humano é o componente central da sociedade e que as formas resultantes de viver são reflexos de suas escolhas, atitudes e pensamentos, podemos fazer a leitura da nossa realidade e compreender que mudanças vêm ocorrendo de forma extremamente súbita. Muitas mudanças boas, porém, um aspecto ainda chama a atenção que são as diversas formas de violência no meio social. O avanço tecnológico, a evolução das leis, entre outros fatores, parece de alguma forma abafar, mas não eliminar pela raiz os instintos mais selvagens de nós seres humanos em uma era considerada extremamente racional e pensante. Logo, podemos concluir por dedução que outras demandas são tão necessárias, como os relacionamentos saudáveis que resultam em conexões afetivas, formas de vida com objetivos além do materialismo que geram satisfação pessoal e interior e tempo para buscá-las e efetivá-las, entre outros, cabendo aqui estudos no sentido de identificar e pontuar quais seriam essas demandas.

Essas formas de vida, tais como sugestivas ou padronizadas ganham forma nas instituições, pequenas ou grandes, que se caracterizam por conjuntos de regras, normas

e valores fundamentais para o desenvolvimento da psique humana bem como na sua formação integral. As instituições contemplam uma necessidade natural do ser humano (de símbolos e significados) e em casos de excessos ou de sua ausência, acabam por prejudicar o desenvolvimento do ser humano, tendo como um dos reflexos, atos de violência contra os outros ou contra si próprio.

Neste ínterim, como exemplo, o sacramento do matrimônio, ou seja, a família na figura do pai e da mãe, recebem da igreja o apoio e a orientação para como proceder para representar bem os seus papéis, cumprindo assim a função de uma instituição social. Não como fonte de resolução para todos os problemas, mas como acervo de respostas para dificuldades sempre presentes independentemente da época vivida, gerando parâmetros para níveis de discernimento mais amplos, sem a necessidade de se ter que “reinventar a roda” a todo instante.

Por fim, ter o conhecimento mínimo necessário sobre a constituição e as características do sacramento do matrimônio, pode nos ajudar a melhor vivê-lo. Entendê-lo como um sacramento, abre as portas para a experiência com o maior Sacramento que é Jesus Cristo, sendo esta experiência a verdadeira fonte de transformação real, eficaz e cíclica da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. **Teologia dos Sacramentos**. Curitiba: InterSaberes, 2018 (Série princípios de Teologia Católica).

BACARJI, A. D. **Eclesiologia Católica**. Curitiba: InterSaberes, 2019 (Série princípios de Teologia Católica).

BROWN, B. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2016.

MINERBO, M. **Ser e sofrer, hoje**. P@PSIC. Periódicos Eletrônicos em Psicologia, São Paulo, vol.35, n. 55. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004. Acesso em: 26 jul. 2022.

PAULO II, J. Carta Apostólica **Dies Domini** do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis de toda a igreja católica sobre a santificação do domingo. Site do Vaticano, Roma, 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1998/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini.html. Acesso em: 26 jul. 2022.

PAULO II, J. Papa. Exortação Apostólica **Familiaris Consortio** de sua santidade João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis de toda a igreja católica sobre a função da família cristã no mundo de hoje. Site do Vaticano, Roma, 1981. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 26 jul. 2022.

PAULO VI, Papa. Constituição Pastoral **Gaudium et Spes** sobre a igreja no mundo atual. Site do Vaticano, Roma, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 26 jul. 2022.

PAULO VI, Papa. Decreto **Apostolicam Actuositatem** sobre o apostolado dos leigos. Site do Vaticano, Roma, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em: 26 jul. 2022.

STIGAR, R. **Família e sexualidade: uma abordagem teológica**. Curitiba: InterSaberes, 2018 (Série princípios de Teologia Católica).